
NOVAS MOBILIDADES: O PANORAMA ATUAL DAS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E OS DIREITOS HUMANOS

*Josely Cristiane Rosa¹
Marcos Antonio Matted²*

*Recebido em 17/03/2020
Aprovado em 20/06/2020*

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o panorama atual das migrações contemporâneas à luz do Paradigma das Novas Mobilidades, evidenciando as situações de vulnerabilidade vivenciadas pela população migrante. Compreende-se que as migrações recentes, pautadas no Novo Paradigma das Mobilidades, são aceleradas pela interconexão e a interdependência de pessoas, objetos e ideias. É nesse cenário que se insere o sujeito migrante tanto condicionado quanto protagonista de condições estruturais, econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais. Considerou-se que, a mobilidade expandiu seus sentidos e significados e adentrou as discussões sobre incorporação, emoções e sentimentos, afetos, gênero, política, ritmo, quietude, encontro, redes, escala, lugar, biopolítica, exclusão e ética (MERRIMAN, 2012). As várias dimensões envolvidas e sua complexidade retiraram esse fenômeno da condição de simples reflexo da produção material da sociedade e o colocaram como um fenômeno específico, que possui suas próprias variáveis e condições de produção e construção de significados. Tais significados desencadeiam uma análise da correlação entre mobilidade e migração, situando os fluxos migratórios atuais a nível mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Migrações. Paradigma das Novas Mobilidades. *Ser Migrante.*

NEW MOBILITIES: THE CURRENT OVERVIEW OF CONTEMPORARY

¹ Doutoranda em Desenvolvimento Regional - FURB (2019). Mestrado em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade do Vale do Itajaí (2007); Graduação em Ciência Política pela Universidade do Vale do Itajaí (2005); Especialização em Recursos Humanos pela Universitas Lucius Annaeus Seneca ? Unilas/FAPAG(2012); Especialização em Marketing Empresarial pela Universitas Lucius Annaeus Seneca ? Unilas/FAPAG (2012); Especialização em Psicologia e Psicopedagogia pela Universitas Lucius Annaeus Seneca ? Unilas/FAPAG (2013). Na área acadêmica é docente de cursos de graduação e pós-graduação, atuando nas áreas de Administração, Direito, Gestão Comercial e Processos Gerenciais, com ênfase nas disciplinas de Gestão de Pessoas, Sociologia, Ciência Política, Administração Pública, Cultura e Diversidade, Negociação, Sociologia Jurídica, Inteligência Emocional e Dinâmica de Grupo. Exerce a coordenação do curso de Pós-Graduação MBA em Gestão de Pessoas e Coaching e MBA em Coaching e Consultoria Executiva: Ênfase em Pessoas&Negócios. Na área profissional realiza treinamento/consultoria empresarial na área de liderança e gestão de pessoas. É Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos da Tecnociência - FURB (CNPQ).

² Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Regional de Blumenau (1991), mestrado em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (1994),e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1999) e estágio pós-doutoral no Centre de Sociologie de L'innovation - ENMP/Paris (2003). Dirige o Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos da Tecnociência - NET desde 2006 e atualmente é coordenador e professor titular do Programa de Pós Graduação em desenvolvimento Regional da Fundação Universidade Regional de Blumenau. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em sociologia do conhecimento científico, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência e tecnologia, desenvolvimento regional, sociologia, impactos ambientais, desastres, meio ambiente e percepção ambiental. Atualmente tem pesquisado os processos de formação e dissolução de redes sociotécnicas.

MIGRATIONS AND HUMAN RIGHTS

ABSTRACT: This research gives the current overview of contemporary migrations in the light of the New Mobility Paradigm, highlighting the situations of vulnerability experienced by the migrant population. It is agreed that recent migrations, based on the New Paradigm of Mobility, are accelerated by the interconnection and interdependence of people, objects and ideas. It is in this context that the migrant subject is inserted both conditioned and protagonist of structural, economic, social, political, cultural and environmental conditions. That mobility expanded its senses and meanings and entered discussions about incorporation, emotions, and feelings, affections, gender, politics, rhythm, stillness, encounter, networks, scale, place, biopolitics, exclusion and ethics (MERRIMAN, 2012). Many dimensions involved and its complexity removed this phenomenon from the condition of merely reflecting the material production of society and placed it as a specific phenomenon, which has its variables and conditions for the production and construction of meanings. Such meanings trigger an analysis of the correlation between mobility and migration, placing the current migratory flows worldwide.

KEYWORDS: Migrations. New Mobility Paradigm. Being a migrant.

1 INTRODUÇÃO

“A sociedade moderna é uma sociedade em movimento” (LASH; URRY, 1994, p. 252). Esta afirmação caracteriza a migração sob o paradigma da mobilidade em sua potencialidade de reconfigurar espaços, lugares, cultura e estilos de vida. Sua complexidade leva a reflexão de um mundo contemporâneo marcado pela mobilidade de capital, mercadorias, pessoas e informações.

Um atual estágio de interconexão e interdependência de pessoas, objetos e ideias. Tempo, redes, transporte, comunicação e informação não são meros elementos da vida contemporânea. São a própria forma como esta vida em sociedade se organiza e se reproduz, o que permite pensar a mobilidade enquanto componente da própria vida social.

A análise das diásporas contemporâneas consubstancia uma abordagem multifacetada da mobilidade, colocando-a “no centro de constelações de poder, da criação de identidades e ainda das microgeografias da vida cotidiana” (CRESSWELL, 2011, p. 551).

Nesse sentido, compreende-se que os fluxos migratórios sob a perspectiva das novas mobilidades inserem-se em um movimento amplo e complexo, como consequência das crescentes transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. Tais transformações são aceleradas pela globalização, pela crise dos estados-nação, pelo aumento das desigualdades e dos conflitos locais, dos efeitos da colonização, do imperialismo, do desenvolvimento do capitalismo, dos processos de racialização, bem como da circulação de informações e bens.

A Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2016, aprovou a Declaração de Nova York

para Migrantes e Refugiados, na qual consta a realização do "Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular" e do "Pacto Global para Refugiados" em novembro de 2018, no Panamá. Trata-se de acordo internacional intergovernamental para a governança da migração internacional e das crises migratórias no mundo.

Em 2016, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração de Nova York para Migrantes e Refugiados, na qual consta a realização do Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular e do Pacto Global para Refugiados, em novembro de 2018 no Panamá. Trata-se de acordo internacional intergovernamental para a governança da migração internacional e das crises migratórias no mundo. O Pacto Global da Migração busca estabelecer princípios, compromissos e entendimentos entre os países a respeito da migração. Nesse sentido, o pacto consiste em um marco para a cooperação internacional em relação aos imigrantes e a mobilidade humana, abordando aspectos humanitários, de desenvolvimento e de direitos humanos (BAENINGER, 2018).

Diante do contexto apresentado, a presente pesquisa tem o objetivo de apresentar o panorama atual das migrações contemporâneas sob a luz do Paradigma das Novas Mobilidades, evidenciando as situações de vulnerabilidade vivenciadas pela população migrante, contraditórias ao Pacto Global da Migração.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se caracteriza em bibliográfica. A pesquisa bibliográfica, também conhecida fonte secundária é caracterizada por utilizar contribuições de diversos autores sobre a temática estudada, com o objetivo de explicar determinado problema (MARTINS; THEÓPHILO, 2009), contribuindo assim, para a produção científica.

Essa dialética reposiciona o conceito de mobilidade no centro da teoria social, no qual o movimento deixa de ser apenas um evento transitório, vazio e abstrato, desvinculado da construção de identidades e de diferentes formas de convívio. O deslocamento passa a ser entendido como um evento que envolve narrativas, capacidades, moralidades e estéticas (CRESSWELL, 2011).

A QUESTÃO MIGRATÓRIA

As *mobile lives* (ELIOT; URRY, 2010) tem se tornado uma assinatura da contemporaneidade. As diásporas modernas provocaram novos contornos no *modus vitae* em todas as esferas – social, cultural, política e econômica –, constituindo uma Cultura da Mobilidade (URRY, 2003).

Esse contexto pode ser percebido no atual número de migrantes internacionais em todo o mundo. Segundo os últimos dados (Setembro/2019) divulgados pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, os migrantes internacionais atingiram cerca de 272 milhões, um

aumento de 51 milhões desde 2010. Esse número representa 3,5% da população global. A Europa representa o território de destino do maior número de migrantes internacionais. Aproximadamente, 82 milhões de migrantes internacionais vivem hoje em solo europeu (ONU, 2019).

Mais de dois quintos de todos os migrantes internacionais nasceram na Europa (61 milhões) ou na Ásia Central e do Sul (50 milhões). A América Latina e o Caribe foram pontos de origem de mais de 40 milhões e outros 37 milhões são naturais da Ásia Oriental e do Sudeste. Em termos globais, um terço de todos os migrantes internacionais tem origem em apenas 10 países.

As mulheres representam pouco menos da metade de todos os migrantes internacionais (47,9% em 2019). A maior proporção de mulheres migrantes está na América do Norte (51,8%) e na Europa (51,4%). Em relação à idade, um em cada sete migrantes internacionais tem menos de 20 anos, sendo que de três em cada quatro está em idade ativa. Os migrantes do México são a segunda maior diáspora (11,8 milhões), seguidos pela China (10,7 milhões), Rússia (10,5 milhões) e Síria (8,2 milhões). (ONU, 2019).

Nesse contexto de migrações recentes, destaca-se a caravana de migrantes de Honduras, El Salvador, Nicarágua e Guatemala, que partiu em 13 de Outubro de 2018 rumo ao México, com a intenção de chegar aos EUA. Aproximadamente 7.000 pessoas passaram a vivenciar os desafios de torna-se ‘passageiros’, ‘estrangeiros’, ‘o outro’ na odisseia migratória e fazer parte da história norte-americana no processo de construção e formação nacional. Solo esse construído nas intempéries dos processos de inclusão e exclusão, expulsões e deportações forçadas. Paralelamente a esse episódio soma-se a grave crise política, econômica e humanitária que forçou milhares de venezuelanos a se deslocarem para outros países, entre os quais o Brasil.

De acordo com os números informados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e pelo governo brasileiro, 32.744 venezuelanos solicitaram refúgio no país e outros 27.804 obtiveram autorização de residência por vias alternativas ao sistema de refúgio, totalizando mais de 60.000 pessoas registradas pelas autoridades migratórias brasileiras até maio de 2018 (UNHCR, 2018).

Diante desse contexto, torna-se importante esclarecer que os conceitos referenciados na pesquisa em relação à categoria migrante, além de considerar as noções de origem e destino, consideram as motivações. Nesse sentido, optou-se por escolher a categoria de análise conforme a jurisdição brasileira. Assim, independente da sua condição de permanência em território nacional, a categoria ‘migrante’ foi compreendida da seguinte forma:

Quadro 01: Categorias de *Status* Migratórios

CATEGORIA	DEFINIÇÃO
Imigrantes	São os imigrantes que, apesar de não se enquadrarem em outras categorias de

Humanitários	proteção (como a de refugiados), foram vítimas de violações de direitos humanos (como as vítimas de tráfico de pessoas) ou estão no Brasil em situações em que o retorno forçado ao país de origem seria uma violação à “razão de humanidade” (como as pessoas com doenças graves ou aquelas cuja família se encontra no Brasil).
Imigrantes Econômicos	Imigrantes que deixam seus países de origem ou residência por razões, sobretudo econômicas, como a procura de trabalho.
Imigrantes em Fluxos Mistos	Imigrantes que chegam ao Brasil por meio de movimentos migratórios nos quais várias categorias migratórias encontram-se presentes (como pessoas em busca de refúgio, deslocados por razões ambientais, imigrantes econômicos). Em sua maioria, estes imigrantes partilham a situação de irregularidade migratória, recorrendo a coiotes ou outros meios inseguros. A definição também abrange os imigrantes que podem ser enquadrados em mais de uma das referidas categorias migratórias.
Imigrantes Indocumentados	São todos aqueles imigrantes em situação migratória irregular, não dispendo de documentos que autorizam a residência no Brasil.
Refugiados	A partir da perspectiva normativa adotada pelo projeto, refugiado é aquele imigrante que tem este status reconhecido pelo governo brasileiro, pelo ACNUR ou por outra organização internacional a partir da normativa da Convenção de 1951 sobre status de refugiado, do Protocolo de 1967 sobre o status de refugiado, ou de normativa interna (como a lei 9474/972). Nesse sentido, a definição abrange os refugiados que passaram pelo processo da determinação de status de refugiado (RSD) no Brasil, assim como os reassentados.
Solicitante de refúgio	Todo imigrante que, tendo formalizado o seu pedido de refúgio ao governo brasileiro, aguarda a decisão da sua solicitação.
Deslocados ambientais	Imigrantes que deixaram seus países de origem ou residência primordialmente por questões ambientais, seja por uma causa de início rápido (como um terremoto) ou lento (como a desertificação).
Apátridas	Indivíduos que não possuem nacionalidade.

Fonte: Secretaria de Assuntos Legislativos/Ministério da Justiça (BRASIL, 2015).

As múltiplas questões que conduzem os deslocamentos humanos contemporâneos fizeram com que os movimentos migratórios reavivassem o debate sobre as *Novas Mobilidades* (URRY, 2007). Tal discussão tem levado transcender, conceitualmente a lógica da espacialidade migratória. Desta forma, pensar a mobilidade humana atual e seus arranjos é ter a clareza das suas múltiplas dimensões.

AS NOVAS MOBILIDADES

A migração sob a lente do paradigma da mobilidade revela diferentes formas de relacionamento com o lugar e suas distintas características. Com esta lente de análise é possível aprofundar a relação entre mobilidade e migração no debate sobre as relações entre estratificação e exclusão social, globalidade e localidade, informação e produção, segregação social na cidade e acessibilidade espacial e temporal (BASSAND; KAUFMANN; JOYE, 2007).

O ponto de partida para esta discussão está na compreensão de que o que caracteriza a modernidade de modo geral é a mobilidade por causa da ‘facilidade’ de locomoção, de cruzar fronteiras tendo um fluxo mais intenso de pessoas, mercadorias e informações. Nessa direção, o sujeito caracterizado pela mobilidade é o migrante. Por isso, este é o sujeito que melhor expressa a

modernidade (CRESSWELL, 2006).

Desta forma, as migrações assumem uma maior complexidade no contexto contemporâneo, graças às transformações nas relações espaciais e temporais que concebem um mundo marcado pela mobilidade (de capital, mercadorias, pessoas, informações) (URRY, 2000).

Um olhar sobre os fluxos migratórios atuais relacionados ao paradigma das mobilidades são as Redes Sociais. Se interconexão e interdependência são elementos centrais no Paradigma das Novas Mobilidades, faz todo sentido Urry e Sheller (2006) afirmar que não é possível estudar migrações ou qualquer forma de mobilidade, sem procurar entender de que maneiras estas se interconectam com outras formas de mobilidade, seja de pessoas, de coisas ou de ideias.

Portanto, a era da conexão é a era da mobilidade e do *network capital*³ (ELLIOTT; URRY, 2010), na qual se constitui na capacidade de engendrar e sustentar relações sociais, gerando benefícios emocionais, financeiros e práticos. Assim, viver temporalmente em rede, significa estar continuamente em ‘movimento’, fisicamente e emocionalmente. As redes tornaram-se um modo de pensar, de ler e de agir no mundo (DUARTE; FREY, 2008).

Nesse espaço em rede encontra-se o migrante conectado, fruto do uso das mediações sociotécnicas e das novas tecnologias da informação que revolucionaram a noção de espaço e de tempo, de proximidade e duração (DIMINESCU, 2007). É nesse sentido que se considera, portanto, uma profunda relação entre as migrações contemporâneas e as tecnologias da informação e comunicação (TICs).

As práticas de busca, acesso e de compartilhamento de informações e conhecimentos, permeiam todo o projeto migratório, antes e depois da experiência. Este volume de informação e de conhecimentos digitalizados se expandiu graças aos computadores pessoais, dos dispositivos móveis de comunicação e do acesso às redes digitais (BOUTANG, 2004).

Nesse contexto, o horizonte do migrante é ampliado. Seu horizonte não está mais em sua

³ Para a compreensão deste conceito é utilizada a interpretação que Pierre Bourdieu fez do conceito de Marx sobre capital (capitais econômico, cultural, social e simbólico) e incluído o capital de rede. Nesta categoria são remontados oito elementos básicos para a constituição e reprodução do capital de rede, a saber: 1) um arranjo de documentos, vistos, dinheiro e qualificações que permitem a locomoção segura do indivíduo; 2) outras pessoas (colegas de trabalho, amigos ou familiares) que ofereçam convites, acolhimento e encontros; 3) capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar telefones celulares, SMS, e-mail, internet, Skype etc.; 4) acesso amplo a informações e contatos; 5) equipamentos de comunicação; 6) lugares apropriados e seguros para encontros e reuniões; 7) acesso aos meios de transporte e tecnologias de comunicação; 8) tempo e outros recursos para monitorar os sete elementos anteriores, além da capacidade de remediar eventuais falhas. (ELLIOTT; URRY, 2010).

cidade, seu Estado ou seu país. Seu horizonte agora é o mundo, vislumbrado no cinema, na televisão, na comunicação entre parentes e amigos. Um mundo global que ostenta luxos, esbanja informações, estimula consumos, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor.

Assim, as redes de informação e comunicação são responsáveis por um reordenamento das redes sociais migratórias contemporâneas. Considera-se, portanto, que as fontes de informação desempenham um papel significativo na formação do alcance e da composição do potencial migratório, na medida em que elas habilitam seus receptores a comparar suas situações de vida com as da população de destino.

Isso equivale a afirmar que apesar da evolução tecnológica – seja no âmbito do transporte ou da informação –, a mobilidade física reflete e reforça as desigualdades sociais, institucionalizando uma espécie de *apartheid migratoire* (TERRIER, 2010). Portanto, “*le contrôle de l’espace permet le contrôle de la mobilité des corps*” (ROUSSEAU, 2008, p. 184).

É nesse sentido, que a mobilidade (física ou virtual) pode ser vista como fonte de *status* e de poder, isto é, quanto maior for o acesso aos meios (informação e transporte), maior será a capacidade de mobilidade do indivíduo. Assim, as classes mais favorecidas controlam a gestão da mobilidade, transmitindo mensagens hegemônicas de explicitação do poder e da dominação (LEFEBVRE, 2000).

AS DIÁSPORAS CONTEMPORÂNEAS

Todo esse avanço tecnológico intensificou os movimentos e fluxos migratórios em escala global dando início a ‘era das migrações’ caracterizada por inumeráveis diásporas (CASTLES, 2008). Em relação aos principais fluxos migratórios a nível mundial, em julho de 2016, a Revista Internacional de Direitos Humanos, apresentou o artigo de Catherine Withol de Wenden, intitulado: *As Novas Migrações: Por que mais pessoas do que nunca estão em circulação e para onde elas estão indo?*

Nesse artigo, Wenden (2016) afirma que o momento atual vivencia novos tempos de mobilidade humana, visto que nos últimos trinta anos, as migrações se globalizaram. Desde meados dos anos de 1970, elas triplicaram: 77 milhões em 1975, 120 milhões em 1999, 150 milhões no início dos anos 2000 e, atualmente, 244 milhões de pessoas no mundo migram para outro território. Esses números tendem a aumentar considerando os diversos fatores da mobilidade, a saber:

defasagens entre os níveis de desenvolvimento humano (que combinam a expectativa de vida, o nível de educação e o nível de bem-estar) ao longo das grandes linhas de fratura do mundo; crises políticas e ambientais que são “produtoras” de refugiados e deslocados; redução do custo dos transportes; generalização da emissão de passaportes, inclusive nos países de onde outrora era difícil partir; falta de esperança nos países pobres e mal governados; papel das mídias; tomada de consciência

de que é possível mudar o curso da própria vida pela migração internacional; e, enfim, as mudanças climáticas (WENDEN, 2016, p. 18).

A população global de deslocados à força aumentou em 2,3 milhões de pessoas em 2018. Até o final do ano, quase 70,8 milhões de indivíduos foram deslocados por força em todo o mundo como resultado de perseguições, conflitos, violências ou violações de direitos humanos. A população deslocada à força permaneceu em um nível recorde.

A maior parte desse aumento foi entre 2012 e 2015, impulsionada principalmente pelo conflito sírio. Mas conflitos em outras áreas também contribuíram para esse aumento, incluindo Iraque, Iêmen, República Democrática do Congo (RDC) e Sudão do Sul, bem como o fluxo maciço de refugiados rohingya de Mianmar para Bangladesh no final de 2017. Segue abaixo um panorama geral (Quadro 2) sobre a questão dos refugiados a nível mundial, com base nos dados da *Global Trends* 2018, publicado em Junho de 2019:

Quadro 02: Tendências Globais 2018 – ACNUR

PANORAMA MUNDIAL DAS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS – <i>Global Trends</i> 2018 –	
13,6 MILHÕES RECENTEMENTE DESLOCADOS	Estima-se que 13,6 milhões de pessoas foram deslocadas recentemente devido a conflitos ou perseguição em 2018. Isso incluiu 10,8 milhões de indivíduos deslocados dentro das fronteiras de seu próprio país e 2,8 milhões de novos refugiados e novos solicitantes de asilo.
37.000 NOVOS DESLOCAMENTOS TODOS OS DIAS	O número de novos deslocamentos foi equivalente a uma média de 37.000 pessoas sendo obrigadas a deixar suas casas todos os dias em 2018.
4 EM 5	Quase 4 de cada 5 refugiados viviam em países vizinhos de seus países de origem.
16%	Os países das regiões desenvolvidas hospedavam 16% dos refugiados, enquanto um terço da população global de refugiados (6,7 milhões de pessoas) estava nos países menos desenvolvidos.
3,5 MILHÕES AGUARDAM UMA DECISÃO	Até o final de 2018, cerca de 3,5 milhões de pessoas aguardavam uma decisão sobre seu pedido de asilo.
2,9 MILHÕES DE PESSOAS DESLOCADAS DEVOLVIDAS	Em 2018, 2,9 milhões de pessoas deslocadas retornaram às suas áreas ou países de origem, incluindo 2,3 milhões de deslocados internos e quase 600.000 refugiados. Os retornos não acompanharam a taxa de novos deslocamentos.
1,7 MILHÃO DE NOVAS RECLAMAÇÕES	Os requerentes de asilo apresentaram 1,7 milhão de novas reivindicações. Com 254.300 reclamações, os Estados Unidos da América foram os maiores destinatários do mundo de novos pedidos individuais, seguidos pelo Peru (192.500), Alemanha (161.900), França (114.500) e Turquia (83.800).
81.300 REFUGIADOS PARA RESTAURAÇÃO	Em 2018, o ACNUR enviou 81.300 refugiados aos Estados para reassentamento. Segundo as estatísticas do governo, 25 países admitiram 92.400 refugiados para reassentamento durante o ano, com ou sem a assistência do ACNUR.
138.600 CRIANÇAS NÃO ACOMPANHADAS OU SEPARADAS	Cerca de 27.600 crianças desacompanhadas e separadas procuraram asilo individualmente e um total de 111.000 crianças refugiadas desacompanhadas e separadas foram relatadas em 2018. Ambos os números são considerados subestimados significativos.
67%	No total, mais de dois terços (67%) de todos os refugiados em todo o mundo

DE CINCO PAÍSES	vieram de apenas cinco países: República Árabe da Síria (6,7 milhões); Afeganistão (2,7 milhões); Sudão do Sul (2,3 milhões); Mianmar (1,1 milhão); Somália (0,9 milhões).
3.7 MILHÕES DE PESSOAS	Pelo quinto ano consecutivo, a Turquia recebeu o maior número de refugiados do mundo, com 3,7 milhões de pessoas. Os principais países de asilo para refugiados foram: Turquia (3,7 milhões); Paquistão (1,4 milhões); Uganda (1,2 milhões); Sudão (1,1 milhão); Alemanha (1,1 milhão).
1/2 CRIANÇAS	Crianças com menos de 18 anos de idade constituíam cerca de metade da população de refugiados em 2018, contra 41% em 2009, mas semelhante aos anos anteriores.

Fonte: *Global Trends 2018* (UNHCR, 2019).

Destaca-se que o relatório *Global Trends* é publicado anualmente para analisar as mudanças nas populações e aprofundar a compreensão pública das crises em andamento. O ACNUR conta e rastreia o número de refugiados, pessoas internamente deslocadas, pessoas que voltaram para seus países ou áreas de origem, requerentes de asilo, pessoas apátridas e outras populações.

A análise das diásporas contemporâneas consubstancia uma abordagem multifacetada da mobilidade, colocando-a “no centro de constelações de poder, da criação de identidades e ainda das microgeografias da vida quotidiana” (CRESSWELL, 2011, p. 551).

AS ENTRELINHAS DE UM MOVIMENTO E OS DIREITOS HUMANOS

De acordo com Joseph (2018, p. 10), “o Estado ao negar os Direitos Humanos aos migrantes também nega a sua humanidade. Situação que conduz a repensar a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade”.

É nesse sentido que, no decorrer da pesquisa, a atenção se voltou sobre o projeto *Wohin?* do *Goethe Institut* (2016)⁴, que na ocasião apresentava a opinião de escritores e intelectuais de diversos países sobre o tema fuga e migração. Sob esse aspecto, o presente tópico incita compreender a migração, para além de um movimento. O migrante permanece no limiar entre ‘ser daqui’ ou ‘ser de lá’, vivendo em um duplo sistema de referências (GOETTERT, 2009). Em outras palavras, a narrativa existencial do migrante preserva sua integridade por sua condição de ‘estar-entre’: *lies somewhere in between* (BECK, 2007).

E não são somente essas questões existenciais que permeiam a vida de um migrante. As nuances que se desdobram e que não fazem parte das estatísticas, como por exemplo, os casos de preconceito e discriminação no decorrer da jornada migratória, devido à nacionalidade, etnia, religião, práticas culturais ou gênero. Esses fatores chamam a atenção para as diversas situações de

⁴ O *Goethe Institut* é o instituto cultural de âmbito internacional da República Federal da Alemanha. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/sup/whn.html>>. Acesso em 01 Mar. 2018.

vulnerabilidade que enfrenta a parcela da população migrante, sendo que a todo o momento, o migrante busca um caminho que supere sua condição contraditória.

Portanto, evidencia-se que o migrante não vive o movimento migratório de forma polarizada, unidirecional e linear. Suas experiências são relativizadas em função da simultaneidade de práticas culturais, econômicas, espaciais individuais e coletivas que permitem uma inserção ou não do migrante no local de destino.

O migrante é em sua gênese um indivíduo em movimento. Um estrangeiro em terra estranha que projeta ser uma figura enigmática. Um suspeito noticiado nos televisivos e na *internet* como pessoas distantes, de outras terras, com outras culturas, outras formas de viver. São concepções como essas que esquematizam signos de preconceitos, preconizando uma ruptura de identificação que impede o estabelecimento de uma relação. Passa-se a existência do ‘outro e do ‘mesmo’.

O ‘outro’ é sempre o estrangeiro, de nacionalidade, de raça, de religião, de etnia ou de língua. O ‘mesmo’ é o concidadão, o irmão de etnia, o congênere, o correligionário. O ‘outro’ também é sempre o inimigo e o que predomina é o ódio e o medo: o ódio que motiva a eliminar o ‘outro’ e o medo de ser eliminado pelo ‘outro’ (MEMEL-FOTE, 2000).

A xenofobia apresenta-se como um estigma sobre as migrações contemporâneas. Carregada de intolerância, tornou-se uma realidade atroz veiculada nas ações de discriminação, racismo, exclusão, marginalização e dogmatismo. Em grego, *xénos* significa estrangeiro e *phobos*, fobia, ou seja, medo ou aversão. É da junção dessas duas palavras que surgiu o termo xenofobia: medo ou aversão a tudo o que é estrangeiro: não apenas ao indivíduo, mas também a objetos, costumes, cultura, comida etc.

A xenofobia pode ser considerada uma das formas principais de atitudes estereotipadas. As atitudes correspondem a uma forma de cognição intuitiva (LIEBERMAN, 2007), que atua de modo rápido, automático, mandatário, sem requerer atividade mental consciente ou esforço.

Como um *mix* de ódio, receio, hostilidade e rejeição ao estrangeiro, a xenofobia tornou-se “comum nas sociedades modernas, devido à globalização, pois esta mesclou, através de processos de migração, integrantes de raças distintas, religiões e costumes” (DE LA GARZA, 2011, p. 87).

Nesse sentido, aponta-se que atualmente há uma tendência global negativa em relação à imigração e aos refugiados. Um levantamento realizado pelo Instituto IPSOS⁵ demonstrou que

⁵A pesquisa foi realizada pelo instituto Ipsos na Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, França, Reino Unido, Alemanha, Hungria, Índia, Itália, Japão, México, Polônia, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul, Espanha, Suécia, Turquia e EUA. O levantamento foi realizado pela *internet* usando o sistema Painel *Online* Ipsos e ouviu um total de 16.040 pessoas em 22 países entre 24 de junho e 8 de julho de 2016. A pesquisa buscou amostragens que refletissem o perfil da população de cada país e a margem de erro oscila entre 3,5 e 5 pontos percentuais para mais ou para menos, dependendo do país.

devido à preocupação em relação à segurança e medo de terrorismo, quase 40% dos países que participaram da pesquisa defenderam o fechamento total das suas fronteiras aos refugiados.

Essa posição vem articulada aos discursos de ódio e medidas de segurança que alimentam o racismo, a xenofobia e a discriminação com base na origem étnica, bem como no status de migração ou religião – no contexto atual de medidas e legislação antiterroristas. Outra questão pertinente a este assunto está na glorificação do nazismo, do neonazismo e de outras práticas que contribuem para alimentar as formas contemporâneas de racismo.

Nesse contexto, ressalta-se também que as crianças migrantes e refugiadas estão vulneráveis a xenofobia, abusos, exploração sexual e à falta de acesso aos serviços sociais. De acordo com a agência da ONU⁶, há no mundo 50 milhões de crianças em movimento. Destas, 28 milhões foram deslocadas por conflitos. Atenta-se que nos anos de 2014 e 2015, 200 mil crianças não acompanhadas pediram asilo em cerca de 80 países. Além das crianças estão os diversos casos de mulheres migrantes que sofrem preconceito e discriminação no decorrer de sua jornada migratória, devido à nacionalidade, etnia, religião, práticas culturais ou gênero.

Muitas dessas mulheres estão fugindo de conflitos em sua terra natal e sofreram violências extremas e violações dos direitos humanos, incluindo o assassinato e o desaparecimento de seus familiares, violência sexual e de gênero e acesso restrito a alimentos, água e eletricidade. Algumas foram repetidamente deslocadas, exploradas ou abusadas. Com oportunidades econômicas limitadas, suas opções para construir meios de subsistência geralmente são limitadas ao trabalho informal de baixa remuneração, o que aumenta o risco de serem colocadas em situações precárias de trabalho⁷.

O que também está nas ‘entrelinhas de um movimento’ é a perda da casa. Dentre os lugares dos quais o migrante se desliga considera-se, possivelmente, que a maior perda seja a sua casa. Local de refúgio e de proteção, a casa torna-se um espaço além de uma habitação, onde seres humanos vivem seu ciclo cotidiano: “porque a casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos” (BACHELARD, 1993, p. 24).

O convívio como membro de uma casa é uma das fontes principais de identificação social entre pessoas (PINA-CABRAL, 2003). Nesse sentido, o conceito de lugar está ligado ao caráter simbólico que o ambiente físico tem para o sujeito (VENABLES, PIDGEON, PARKHILL,

⁶Fonte: ONU NEWS – Perspectiva Global Reportagens Humanas. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2017/11/1602151-unicef-quer-mais-protecao-menores-em-novas-politicas-de-migracao#.Wilt3UrJnx>>. Acesso em: 01 Mar. 2018.

⁷ Fonte: UNHCR ACNUR – AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/uma-em-cada-cinco-refugiadas-e-vitima-de-violencia-sexual-no-mundo/>>. Acesso em 01 Mar. 2018.

HENWOOD, SIMMONS, 2012), bem como aos espaços que são familiares, que fazem parte da vida. Portanto, essa afetividade atribuída ao lugar denota-se apego ao lugar, vínculo ao lugar ou *placeattachment* (ELALI; MEDEIROS, 2011).

Einstein levou seu violino. Freud levou seu divã. Béla Zsolt, fugindo de Budapeste para Paris um dia antes da eclosão da guerra, levou nove malas – “todas as minhas posses, minhas roupas e as roupas de minha mulher e todas as necessidades e pequenos caprichos que fomos acumulando em nossa vida: os objetos, os fetiches”. Ao longo da guerra, as nove malas se convertem numa mochila, a mochila numa caixa de sapatos, a caixa de sapatos numa caixa de biscoitos dada a ele por um conhecido. Esta, diz Zsolt, “é toda a bagagem que eu tenho”⁸.

Ao deslocar-se, principalmente em afastamento forçado, devido à pessoa estar ligada emocionalmente com o lugar, esse deslocamento resulta em uma dor generalizada. Dor essa que produz reações semelhantes à perda de um ente próximo e atribuiu esse sentimento a uma interrupção do sentido de continuidade da comunidade, pela fragmentação da identidade espacial e comunitária (FRIED, 2000). Quando um grupo se transporta para um novo espaço, antes de sua adaptação é como se tivesse deixado para trás a personalidade: a lembrança "obriga cada um a se lembrar e reencontrar o pertencimento, em troca, o engaja inteiramente" (NORA, 1993, p. 22).

Pensar em casa ou moradia é colocar o lugar e o espaço no centro da existência do *Ser* (MALPAS, 2008; SARAMAGO, 2008). Nessa perspectiva, considera-se a dimensão territorial à própria constituição do *Ser*, que permite a continuação da existência e que fornece a chamada segurança ontológica (GIDDENS, 2002).

É essa segurança que permite ao *Ser* continuar sendo, ou seja, manter-se vigente, existindo no mundo. Não estamos no espaço: somos sendo espacialmente (HEIDEGGER, 2001). Assim, no ato de migrar ocorre o processo de desenraizamento original que se dá, em termos existenciais, pela alteração da territorialidade consolidada, isto é, a modificação desta relação originária *self-lugar*⁹. Portanto, ao sair do seu lugar-natal, o migrante deixa para trás os seus territórios de segurança (MARANDOLA Jr., 2008).

Cabe destacar o papel desempenhado pela mídia para a construção de imagens, muitas vezes vinculadas a estereótipos e preconceitos sobre os migrantes. De acordo com o Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios¹⁰, em seu artigo intitulado *Media and migration: between*

⁸ Frances Stonor Saunders (historiadora britânica), em “Para onde? 21 questões sobre fuga e migração”. Goethe Institut, 2016.

⁹ Sack (1997) aborda a dimensão existencial da relação com o lugar a partir do self (eu), entendendo a relação self-lugar como uma teia indissociável de mútua constituição. Para ele, ambos estão no centro de constituição da pessoa e do espaço, sendo o ponto no qual os fenômenos e dinâmicas de outras esferas se embatem na realidade geográfica. Segundo o autor, o self é composto pela natureza, pelos significados e pelas relações sociais, tanto quanto o lugar, e é por isso que ambos apresentam personalidades específicas em cada tempo.

¹⁰ O CSEM é uma instituição filantrópica dedicada à pesquisa, estudo e divulgação de informações sobre a

speeches and stereotypes (2015, p. 02):

[...] nota-se que a mídia também é utilizada enquanto meio para difusão e reprodução de discursos criminalizadores da migração e dos migrantes. Ao deixar de ser um relato imparcial da realidade, muitas vezes as coberturas jornalísticas são construções sociais alinhadas a uma certa visão sobre a migração e, como não poderia deixar de ser, se utiliza de uma linguagem alarmista e xenófoba para tratar do tema.

Assim, ao longo do seu percurso, os migrantes são intitulados pela mídia como ilegais, clandestinos, irregulares, refugiados, deportados. Desta forma, “são alvos de uma semantização negativa e "policialasca" que inclui intolerância, violência, desemprego, isolamento, preconceito, pobreza, condenação, fiscalização, deportação, expulsão, tráfico ou detenção” (COGO, 2001, p. 17). Considera-se, portanto, que os meios de comunicação em massa têm papel fundamental no fortalecimento ou mesmo na criação de um imaginário negativo e de aversão em relação aos migrantes (COGO, 2003; BARATA, 2006; POVOA NETO, 2007).

Um refugiado é um ser humano cuja tragédia pessoal tornou-se uma mercadoria pública numa terra estranha. Uma pessoa que está em exposição para todo mundo. Que tem que dar satisfação a todos. Que depende de qualquer um. Que não é protegida por ninguém¹¹.

Nesta esfera de estigmatização social, o ‘estrangeiro’¹² em terra alheia permanece na obscuridade da interpretação daquele que o recebe ou daquele que o repele. Ao repelir tem-se o retrato desta segregação: a formulação de guetos nos subúrbios onde se concentram em grande massa, criando pequenas comunidades estrangeiras que se vão tornando gradualmente mais extensas e mais ameaçadoras aos olhos das comunidades locais.

E a mídia escreve a sua história. Interessante destacar que quem escreve história é testemunha e historiador, mas é igualmente ator, pois está em relação direta com o tema. Portanto, deve-se ter claro que “antes de ser analista, o historiador é homem, cidadão, ator ou espectador e há alguns anos [...] ele reivindica ou reconhece cada vez mais seu próprio pertencimento à história”

mobilidade humana. O Centro desenvolve atividades de apoio a migrantes e refugiados, sobretudo no que se refere à promoção de auto-organização, autodesenvolvimento e formação. O CSEM atua em parceria com universidades e outras instituições com o objetivo de desenvolver pesquisas, eventos e análises sobre o tema das migrações. Além disso, dispõe de amplo acervo bibliográfico especializado.

¹¹ Ruwanthie de Chickera (fundadora do *Stage Theatre Group* – Sri Lanka), em “Para onde? 21 questões sobre fuga e migração”. GOETHE INSTITUT, 2016.

¹² Georg Simmel (2004) em um de seus vários ensaios conceitua sobre aquele sujeito na qual se apresenta como “o Estrangeiro”. Para Simmel, o estrangeiro seria aquela pessoa que está em um lugar, mas também não está ao mesmo tempo. Isto quer dizer, aquele sujeito que não abandonou a liberdade de ir e vir, que não está “preso” a um contexto social específico. Todavia, ao longo da descrição acerca do ser estrangeiro, Simmel apresenta o estrangeiro para mais do que isso, ele mostra que na verdade em todos os grupos sociais existem estrangeiros, aqueles que são mal vistos pelos olhos dos estabelecidos. Seja pela sua “liberdade” de mobilidade, ou seja, pelo estranhamento que causam, por serem diferentes.

(CHAUVEAU; TÉTARD, 1999, p. 28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou apresentar o panorama atual das migrações contemporâneas sob a luz do Paradigma das Novas Mobilidades, evidenciando as situações de vulnerabilidade vivenciadas pela população migrante, contraditórias ao Pacto Global da Migração. Nesse sentido, a pesquisa abordou a migração sob a lente do paradigma da mobilidade, apresentando um panorama geral sobre a questão dos refugiados a nível mundial, com base nos dados da *Global Trends 2018*, publicado em Junho de 2019.

Nesse contexto de transcendência da categoria ‘migração’ tornou-se pertinente (re)conhecer o ‘Novo Paradigma das Mobilidades’, (re)posicionando o conceito ‘mobilidade’ no centro da teoria social. Com esse viés de análise, a pesquisa evidenciou que, uma das características da sociedade contemporânea é o seu próprio movimento. Seu ir e vir. Sua mobilidade de capital, mercadorias, pessoas e informações. Fato esse que insere as diásporas contemporâneas – individuais ou coletivas – em sua potência de reconfigurar as microgeografias do *modus vivendi* atual.

Todo esse processo é vivenciado e acelerado pela característica marcante da modernidade: a interconexão e a interdependência de pessoas, objetos e ideias. Em outras palavras, o tempo, redes, transporte, comunicação e informação permite pensar a mobilidade enquanto componente da própria vida social.

Em seguida, nas entrelinhas de um movimento apontando para os direitos humanos com caráter velado, a pesquisa indicou que atualmente há uma tendência global negativa em relação à imigração e aos refugiados. Posicionado os migrantes enquanto sujeitos, a pesquisa observou sujeitos tanto condicionados quanto protagonistas, de condições estruturais, econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais.

Enquanto categoria de classificação, esse ator social pode ser chamado de emigrante, imigrante, refugiado, migrante misto, retirante, indocumentado, legal, clandestino, esperado, expulso, radicado, errante... Enquanto sujeitos sociais são diversos as possibilidades. Tem àqueles que marcham na empreitada de simplesmente sobreviver e quem sabe um dia, viver. Tem ainda àqueles que partiram, mas pelas intempéries da vida não conseguiram chegar. Na sua investida, fazem parte de uma estatística constrangedora de uma sociedade pós-moderna. No solo que acolhe (ou não) vivenciam as experiências de ser ‘o outro’.

Por fim, destaca-se que muitas são as problemáticas a serem estudadas em torno do processo migratório. Em outras palavras, sinaliza-se que apesar do crescente fluxo migratório a nível

mundial são poucos os estudos direcionados às migrações recentes no ambiente nacional e regional. As pesquisas direcionadas aos sujeitos migrantes são recomendadas também para compreensão das interações humanas, como os aspectos psicológicos, a interculturalização, a exploração laboral, a saúde, etc.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAENINGER, Rosana. Pacto Global da Migração e Direitos Humanos (07/05/2018)

Unicamp Direitos Humanos. Disponível em:

<<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/pacto-global-da-migracao-e-direitos-humanos>>. Acesso em 16 Mar. 2020.

BARATA, Francesc. Inmigración y criminalización en los medios de comunicación. In.: **Flujos migratorios y su (des)control: puntos de vista pluridisciplinarios**, 2006.

BASSAND, Michel; KAUFMAN, Vincent JOYE, Dominique. Conclusion general. In: **Enjeux de la sociologie urbaine**. Lausanne, Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, 2007.

BECK, Gernsheim. **Transnational lives, transnational marriages: a review of the evidence from migrant communities in Europe**. *Global Networks*, v.7, n. 3, p. 271-288, 2007.

BOUTANG, Yann Moulrier. Riqueza, propiedad, libertad y renta en el capitalismo cognitivo. In: BLONDEAU, Olivier et al. **Capitalismo cognitivo**, propiedad intelectual y creación colectiva. Madrid: Traficantes de Sueños, p. 107-128, 2004.

BRASIL. **Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil**. Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos (SAL): IPEA, 2015.

CASTLES, Stephen; DELGADO WISE, Raúl. Migration e Development: Perspectives from the South. Geneva: **International Organization for Migration**, 2008.

CHAUVEAU, A.; TÉTARD Ph. Questões para a história do presente. In CHAUVEAU, A.; TÉTARD Ph. (Orgs). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

COGO, Denise. Mídia, interculturalidade e cidadania: Sobre políticas midiáticas e visibilidade das migrações internacionais no cenário brasileiro. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação para a Cidadania, **XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

CRESSWELL, T. **On the move: mobility in the modern western world**. New York: Routledge, 2006.

CRESSWELL, Tim. Mobilities i: Catching up. In.: **Progress in Human Geography**. v. 35, n. 4, p. 550-558, 2011.

-
- CRESSWELL, Tim. Mobilities i: Catching up. In.: **Progress in Human Geography**. v. 35, n. 4, p. 550-558, 2011.
- DE LA GARZA, Cecília. Xenofobia. **Revista Laboreal**, p. 86-89, 2011.
- DIMINESCU, Dana. Le Migrant Connecté : Pour un Manifeste Épistémologique. In : **Migrations/Société**, vol. 17, n. 102, p. 275-292, 2007.
- DUARTE, F.; FREY, K. Redes urbanas. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. **O Tempo Das Redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. Apego ao lugar. In: S. Cavalcante, & G. Elali, **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ELLIOTT, Anthony; URRY, John. **Mobile Lives: self, excess and nature**. Abingdon: Routledge, 2010.
- ELLIOTT, Anthony; URRY, John. **Mobile Lives: self, excess and nature**. Abingdon: Routledge, 2010.
- FRIED, M. Continuities and discontinuities of place. **Journal of Environmental Psychology**, 20, p. 193–205, 2000.
- GIDDENS, A. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 2002.
- GOETTERT, Jones D. Gentes, migração e transitividade migratória. **Espaço Plural**, v. 10, n. 20, p. 53-62, 2009.
- HEIDEGGER, M. Ciência e pensamento do sentido. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JOSEPH, Handerson. Prólogo. In: **Migrações e direitos humanos: problemática socioambiental**. Margarita Rosa Gaviria Mejía (Org.). Lajeado: Univates, 2018.
- LASH, Scott; URRY, John. **Economies of signs and space**. London: Sage, 1994.
- LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.
- LIEBERMAN, M. D. Social cognitive neuroscience: A review of core processes. **Annual Review of Psychology**, 58, 259-289. 2007.
- MALPAS, J. **Heidegger's topology: being, place, world**. Cambridge: MIT Press, 2008.
- MARANDOLA Jr., E. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 18, n. 29, p. 39-58, 2008.
- MARTINS, G. A.; THEÓFILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MEMEL-FOTE, Harris. O outro e o mesmo. In: **A Intolerância**. Barret-Ducrocq, F. (org). Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000.
- MERRIMAN, Peter. **Mobility, Space and Culture**. Oxon: First Published, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história - a problemática dos lugares. In: **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História** e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo: 1993.

ONU NEWS. **Perspectiva Global Reportagens Humanas**. Número global de migrantes sobe mais do que população mundial. Publicado em 18 de Setembro de 2019. Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1687312>>. Acesso em 19 Set. 2019.

PINA-CABRAL, J. **O homem na família**: cinco ensaios de antropologia. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

POVOA NETO, H. Imigração na Europa: Desafios na Itália e nos Países da área mediterrânea. In.: **Migrações Internacionais**: Desafios para o Século XXI – São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007.

ROUSSEAU, Max. La ville comme machine à mobilité. Capitalisme, urbanisme et gouvernement des corps, Métropoles, n°3, **Revue électronique consacrée à l'analyse interdisciplinaire des villes et du fait urbain**. 2008. Disponível em:< <http://journals.openedition.org/metropoles/2562#tocto1n1>>. Acesso em 29 Jan. 2018.

SACK, R. D. **Homo geographicus**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

SARAMAGO, L. **A topologia do ser**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: PUCRio; Loyola, 2008.

TERRIER, E. **Mobilites et experiences territoriales des etudiants internationaux en Bretagne**. Relatório de Tese. Université de Rennes 2, 2010.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). **Global Trends 2018: Forced Displacement in 2018**. Disponível em: < <https://www.unhcr.org/globaltrends2018/>>. Acesso em 10 Ago 2019.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). Operational Portal: **Refugees Situation**. Venezuela Situation. Maio, 2018. Disponível em:< <https://data2.unhcr.org/en/situations/vensit>>, acessado em 20 maio 2018.

URRY, John. **Mobile Cultures**. Lancaster: Department of Sociology of Lancaster University, 2003. Disponível em: <<http://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/urry-mobile-cultures.pdf>> . Acesso em: 22 nov. 2017.

URRY, John. **Mobilities**. London: Polity, 2007.

URRY, John. **Sociology beyond societies**: mobilities for the twenty-first century. Abindgon: Routledge, 2000.

URRY, John. Traveling Times. **European Journal of Communication**, v. 21, n. 3, p. 357-372, 2006.

VENABLES, D.; PIDGEON, N. F.; PARKHIL, I. K.; HENWOOD, K. L.; SIMMONS, P. Living with nuclear power: sense of place, proximity, and risk perceptions in local host communities. **Journal of Environmental Psychology**, 32, p. 371-383, 2012.

WENDEN, Catherine Wihtol de. As Novas Migrações: Por que mais pessoas do que nunca estão em circulação e para onde elas estão indo? **Dossiê SUR sobre Migrações e Direitos Humanos**. SUR. v. 13, n. 23, p. 17-28, 2016.